

A escrita epistolar no projeto político-místico de Antônio Vieira

Fernando Munhós

Resumo

Após propor o estudo sistemático da obra epistolar de Antônio Vieira no ingresso do curso de Doutorado do programa de Literatura Brasileira, pareceu significativo situar as mais de 750 cartas na amplitude do conjunto das obras conhecidas do orador português, além de estipular os recortes que possibilitem um olhar estratégico sobre os papéis. Nesta breve comunicação, pretendo apresentar os primeiros passos dados nessa direção. Passado o primeiro ano da pesquisa, mostrou-se promissor pensar, agora como ponto de partida analítico, o que esses conjuntos de cartas nos dizem sobre a circulação dos saberes no século XVII e de como esses saberes atuam nas práticas do homem orador, diplomata e missionário Antônio Vieira.

Palavras-chave

retórica epistolar; Antônio Vieira; contrarreforma

¹ Doutorando em Letras pelo programa de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Início em 2016. E-mail: f.munhos@gmail.com.

O projeto de pesquisa apresentado ao programa de pós-graduação em Literatura Brasileira do DLCV-USP no final do ano de 2015, para ingresso no curso de Doutorado no início de 2016, vinha propor uma leitura sistemática da produção epistolar do padre Antônio Vieira. O ensejo primeiro que estimulou a proposta de trabalho surgiu da tentativa de se estabelecer algum parâmetro, levando em conta Vieira como um grande representante da atividade da Companhia de Jesus no século XVII, sobre a questão levantada em um debate surgido em meio ao pensamento positivista da década de 1930, alvo de diversas tentativas de resposta, porém sem a devida atenção até os dias de hoje. Tal debate se atém à relação dos padres jesuítas com a escravidão. Alfredo de Albuquerque Felner, autor da obra *Angola: apontamentos sôbre a ocupação e início do estabelecimento dos portugueses no Congo, Angola e Benguela*, publicado em Coimbra em 1933,² afirma em determinado trecho que os planos da Companhia de Jesus em relação aos índios na América se opunham aos dos colonos que queriam escravizá-los, dificultando a obtenção de mão-de-obra para emprego nos engenhos. O alto custo dos escravos vindos da África criava intermináveis disputas entre padres e colonos, e logo a Companhia passa a articular em seus planos uma presença contínua e ativa de padres sobretudo em Angola, no intuito de controlar os resgates e as vendas dos escravos africanos para as regiões americanas de domínio português, mantendo nas mãos desses padres o controle dos preços da mão-de-obra a ser enviada para a América lusa. Com isso, afirma Felner, assiste-se a um domínio sobre a economia local da região africana por parte dos jesuítas, quadro que lhes garantia “incalculáveis lucros”.³

Assim, a liberdade do índio defendida pelos padres jesuítas na América teria tão-somente finalidades comerciais, pois faria os donos dos engenhos e demais empreendimentos coloniais comprarem escravos africanos, enriquecendo os representantes da Ordem que dominavam o comércio do outro lado do Atlântico sul. Cinco anos mais tarde,

² FELNER, Alfredo de Albuquerque. *Angola: apontamentos sôbre a ocupação e início do estabelecimento dos portugueses no Congo, Angola e Benguela*. Extraídos de documentos históricos. Portugal, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

³ FELNER, Alfredo de Albuquerque. *op. cit.*, p. 274.

em 1938, o jesuíta Serafim Leite publica o segundo dos dez tomos da sua grande obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*, aonde classifica a tese de Felner como fruto de “certa mentalidade deformada”.⁴ Além de apresentar diversos argumentos contrários, o historiador jesuíta acusa o autor português de não oferecer nenhuma “prova documental” que embasasse sua afirmação. De tal modo que Serafim Leite busca tornar justo, ao seu leitor, o convívio por mais de dois séculos dos padres de sua ordem com a escravidão de africanos na América. Diz mesmo que os cativos contavam com uma assistência contínua dos padres que os instruíam, ajudavam e consolavam, trazendo, no fim, paz ao Brasil e prosperidade à Fazenda Real.⁵ O debate sobre a questão atravessa o século XX, sendo citado em diversos trabalhos de historiadores e intelectuais das Letras, mas sem o devido enfoque no sentido de obter alguma resposta para além de uma tomada de posição para um dos lados.

Frente a uma suposta postura apática de Antônio Vieira diante da escravidão e comércio de africanos, comparada ao seu esforço de vida em defesa da liberdade do índio, este projeto de pesquisa propôs situar o grande representante da Companhia de Jesus em Portugal ante as questões derivadas da relação dos padres da Ordem com os temas interessados ao poder do Império luso e a difusão da fé católica. O caminho seria traçado através da leitura das mais de 750 cartas escritas por Vieira, pensando ser a carta um gênero da escrita que poderia apresentar os meandros de uma lógica, presente sobretudo em seus sermões e textos proféticos, que seriam as bases de seu projeto de Império português e propagação da fé católica. Com a oportunidade promissora de poder contar com a maior e mais recente reunião e publicação das cartas de Vieira – presente no primeiro tomo da obra completa publicada em Portugal e no Brasil – sendo o resultado de grande trabalho de reunião, transcrição e organização do *corpus* realizado por diversos pesquisadores portugueses e brasileiros,⁶ parecia possível e significativo ao ingressar no

4 LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II. Portugal, Lisboa: Portugália; Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, p. 347.

5 *Idem*, p. 358.

6 VIEIRA, Antônio. *Obra completa Padre Antônio Vieira*: tomo I epistolografia (vol. I-V). Direção José Eduardo Franco, Pedro Calafate. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

curso de Doutorado estabelecer as centenas de cartas na amplitude das obras do orador português e assim estipular os recortes que oferecessem um olhar estratégico sobre os papéis. Desse ponto de partida instrumental, passado o primeiro ano da pesquisa, foi promissor constituir um trajeto analítico sustentado por uma direção conceitual que se caracterizava por pensar o que as cartas de Vieira dizem, em sua materialidade, sobre a circulação de saberes no século XVII e de como tais saberes articulavam as práticas do jesuíta, enquanto representações convenientes como a do padre orador, homem diplomata, missionário, pobre injustiçado pelos poderes Reais, etc. Pesquisas já consagradas nos meios das Letras e da História, sobre a atuação de Vieira no século XVII, evidenciam que há nos textos atribuídos à sua autoria um projeto de Império católico português como horizonte de atuação, como fica claro se pensarmos na prática oratória presente na materialidade de seus Sermões ou nas edições de seus textos proféticos.

A leitura das cartas evidenciou que há uma relação entre os gêneros da fala e da escrita – sermões, cartas, profecias – com o propósito de se colocar em prática saberes que circulavam na Europa pelo costume. As missivas aparecem revelando traços da articulação desses saberes por parte de Vieira, ali presentes não na qualidade de amostras de uma cultura letrada meramente instrumentalizada, mas como práticas sintéticas voltadas para um determinado fim local e específico, sustentadas por saberes há muito difundidos e circulando enquanto costume por diversos contextos europeus, mesmo antagonizados entre si.⁷ Não se espera desse exercício analítico uma completa sistematização dos saberes ali em jogo, no sentido de medi-los em relação ao conhecimento apreendido, como se fosse possível medir graus de apreensão relacionados ao nível de letramento do jesuíta. A direção que a pesquisa vem tomando considera relevante compreender que as ações dos homens, as estratégias de poder e os projetos políticos, são viabilizados a partir e através da circulação e apropriação de saberes que prefiguram os dispositivos que servem de suporte, como a carta, e a defesa de valores contingentes da soberania

7 Cf.: CHARTIER, Roger. Sciences et savoirs. *Annales HSS*, França, n. 2, abril-junho 2016, p. 451-464; _____ O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, nº 11, vol. V, 1991, p. 173-191.

portuguesa e da ação da Companhia de Jesus. Os exemplos são claros: o ato da escrita epistolar como retórica voltada para um fim particular e a defesa da liberdade do índio como súdito do rei católico são atos que viabilizam em um primeiro plano a conveniência de seus objetivos locais na conversa entre ele, Vieira, e seus destinatários; e em um segundo plano legitimam seu projeto maior envolvendo a difusão da fé e a ampliação dos poderes do reino. Mas tais atos somente são legítimos porque são balizados por saberes partilhados coletivamente.

A direção, portanto, tomada com a leitura dos textos da correspondência de Vieira levou ao enfoque particularmente sobre duas matrizes de saberes presentes no século XVII, que podem contribuir decisivamente para a compreensão dos modos de articulação das forças pelas quais lidava o jesuíta em seus textos. A primeira dessas matrizes diz respeito à retórica epistolar entendida como um ramo da instituição retórica atuante no século XVII. O texto da carta, enquanto gênero da escrita presente ao lado de outros, como os da oratória e da poética, possui uma genealogia que ao ser descrita evidencia uma presença constante tanto em Portugal quanto em outras regiões, de técnicas partilhadas que são sínteses de saberes sobre a escrita de missivas, comuns mesmo entre contextos antagônicos.

Toda a amplitude da extensa produção de missivas de Vieira deixa claro como os preceitos da arte de escrever cartas perpassam a vida do orador português. Servem plenamente para os diversos fins pelos quais ela seria útil, nas diferentes circunstâncias e projetos pelos quais atuou o jesuíta, em diferentes regiões como Lisboa, Coimbra, Haia, Paris, Roma, Bahia, Maranhão, etc., comunicando-se com membros do corpo político-místico do reino português de diferentes ordens e graus de importância e nobreza. Nas cartas que vão desde a *ânua* de 1626, aonde o jovem Vieira escreve para os irmãos da ordem, até suas últimas missivas, de volta à Bahia na década de 1690, passando por diversas circunstâncias, como diplomacia na Europa, missões nos sertões do Estado do Maranhão ou mesmo a prisão, estão ali todos os preceitos que balizam a produção

epistolar no século XVII.⁸ Os temas e estilos presentes obedecem aos sentidos da retórica e as tópicos e lugares-comuns são aplicados convenientemente à matéria tratada. Não há qualquer noção de espontaneidade, como a conhecemos. Há sim uma síntese entre o costume retórico que circula a partir das autoridades dos gêneros e a *Ratio studiorum* como programa de ensino da Companhia de Jesus que homogeneizava a educação dos padres da ordem, inclusive no que se refere à retórica epistolar.

A segunda matriz de saberes que circulavam no século XVII e estavam presentes nas missivas se refere às concepções defendidas nos Concílios da Igreja Católica do século XVI sobre o Direito Natural dos homens e as leis positivas da vida em sociedade, balizando a defesa por parte de Vieira da liberdade dos índios. Sua luta firme e insistente contra as atividades dos habitantes locais da América portuguesa na captura e cativeiro dos índios encontrados pelas expedições ao interior do território é legítima pois é síntese das concepções sobre a luz da Graça presente nos homens, defendidas pelos padres jesuítas contra os hereges de sua época e partilhada coletivamente nas regiões contrarreformadas e em seus domínios coloniais. Toda a postura regrada retoricamente, principalmente nas cartas do período em que atuou como missionário no Estado do Grão-Pará e Maranhão, aonde defende a catequese dos índios aldeados e a proibição de seu cativeiro, está orientada pelas concepções defendidas pelos teólogos da Contrarreforma e circulam enquanto doutrina pregada pelos padres das ordens da Igreja de Roma.

Ambas as matrizes de saberes presentes no período são alicerces que sustentam a legibilidade e conveniência das proposições compostas e defendidas na escrita epistolar de Antônio Vieira. São assim, de fato, pois são resultados locais de trocas e apropriações diversas realizadas durante séculos até ali, seja na instituição retórica, seja na doutrina da Igreja. Logo, a perspectiva que visa localizar os escritos do jesuíta como parte integrante desse quadro mais amplo, que faz circular sob a forma de trocas e apropriações os saberes partilhados no século XVII, pode oferecer uma compreensão mais vertical e

8 Cf.: HANSEN, João Adolfo. “Para ler as cartas do Pe. Antônio Vieira (1626-1697)”. *Teresa* revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 8/9, 2008, p. 264-299.

menos anacrônica sobre aquelas ditas contradições debatidas pela historiografia literária.

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, nº 11, vol. V, 1991, p. 173-191.

_____. Sciences et savoirs. *Annales HSS*, França, n. 2, abril-junho 2016, p. 451-464.

FELNER, Alfredo de Albuquerque. *Angola: apontamentos sobre a ocupação e início do estabelecimento dos portugueses no Congo, Angola e Benguela*. Extraídos de documentos históricos. Portugal, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

HANSEN, João Adolfo. “Para ler as cartas do Pe. Antônio Vieira (1626-1697)”. *Teresa revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8/9, 2008, p. 264-299.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II. Portugal, Lisboa: Portugália; Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

VIEIRA, Antônio. *Obra completa Padre Antônio Vieira: tomo I epistolografia (vol. I-V)*. Direção José Eduardo Franco, Pedro Calafate. São Paulo: Edições Loyola, 2014.